

Mulheres e Paulo numa mesma evangelização

Women and Paul in the same evangelization

Joel Antônio Ferreira¹

Resumo

Neste artigo, descreve-se o envolvimento de Paulo na questão de gênero. Procura-se desmistificar a ideia de que o Apóstolo era misógino. A partir do Hino Batismal (Gl 3,26-28), Paulo se transformou e se tornou um lutador na defesa dos estrangeiros, escravos e mulheres, subjugados pelo modo de produção escravagista romano. O Apóstolo teve, sempre, as mulheres, envolvidas no anúncio de Jesus Cristo, juntamente com ele e seu grupo. Naquela sociedade greco-romana, fortemente androcêntrica, aquelas mulheres e Paulo superaram as assimetrias de gênero, convivendo e celebrando a vida na proclamação do Evangelho. Pelos métodos histórico-crítico e sociológico conflitual, busca-se a compreensão de que Paulo envolveu-se com a força feminina na evangelização primitiva.

Palavras-chave: Hino batismal. Igreja doméstica. Gênero. Códigos domésticos.

Abstract

In this article, we describe the involvement of Paul in the matter of gender. We seek to demystify the idea that the Apostle was misogynistic. From the Baptismal Hymn (Gal 3.26 to 28), Paul turned and became a fighter in defense of foreigners, slaves and women, subjugated by the Roman slave mode of production. The Apostle had, always, women involved in the proclamation of Jesus Christ, with him and his group. In that Greco-Roman society, strongly androcentric, those women and Paul overcame the gender differences, living and celebrating life in the proclamation of the Gospel. Based on the historical-critical and conflictual sociological methods, we seek to understand that Paul was involved with the feminine force in the early evangelization.

Keywords: Women. Domestic church. Domestic codes. Baptismal hymn.

¹ Joel Antônio Ferreira é Doutor em Ciências da Religião e Sagrada Escritura pela UESP de S. Bernardo do Campo e Pós-Doutor em Sagrada Escritura pela Universidade de Georgetown em Washington DC. É Professor Titular do Programa em Ciências da Religião (Mestrado e Doutorado) da PUC Goiás.

1 Introdução

Para se entender a postura libertadora de Paulo, com relação à questão de gênero, é preciso olhar onde estava o cerne do grande projeto do Apóstolo. Encontra-se na Epístola aos Gálatas. É uma entrada muito rica, bem trabalhada e fascinante. Esta porta se chama "Gl 3,26-28". Este pequeno texto é o centro da Epístola. Ele irradia seus raios para todo o restante da missiva. É um programa dinâmico para comunidades que ouvem o apelo para serem transformadoras, na busca de uma possível sociedade cristã igualitária e livre (FERREIRA, 2005, p. 11). O texto diz:

Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois, quantos de vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher. Pois, todos vós sois UM só em Cristo Jesus (Gl 3,26-28).

Parece que Gl 3,26-28 era um texto anterior a Paulo². Provavelmente, era um hino batismal ou fragmento de um credo muito conhecido pelas primeiras comunidades (BETZ, 1988, p. 184-186). Era uma fórmula já celebrada por outras comunidades independentes do apóstolo (MARTYN, 1988, p. 119s). Paulo conheceu este belo e significativo texto e o absorveu como um programa de vida também para ele e suas

comunidades. Era uma confissão batismal que foi citada por Paulo (FERREIRA, 2005, p. 88-91).

Esse texto é uma espécie de programa da busca de uma possível sociedade desconhecida do mundo greco-romano. Essa sociedade almejada pelas comunidades primitivas, e agora também por Paulo, deve ser livre e igualitária. Este programa precisa ser iniciado na busca radical da superação de qualquer discriminação étnica, sexual, religiosa, social e cultural. Por isso, o texto move toda a epístola ao proclamar que a nova sociedade tem que existir na mentalidade da abertura de fronteiras. Esta abertura só pode ser efetivada realizando o principal objetivo da epístola: *a unidade em Cristo Jesus* (Gl 3,28d) (BETZ, 1988, p. 198).

O apóstolo sugeriu que é na vida da comunidade livre e igualitária que está a saída. Então, se comunidades de outros cristianismos originários elaboraram e emprestaram o texto batismal a Paulo, agora os gálatas precisavam interrogar suas vidas espelhando-se em Gl 3,26-28.

Este texto abriu as fronteiras. Serão deixadas de lado, neste artigo, as dimensões étnicas (judeu/grego) e sociais (escravo/livre). Será analisada, a terceira dimensão que afirmou que a partir de Cristo [...] "*não há mais (diferença) entre o masculino e o*

² O Hino Batismal se encontra em Gl 3,26-28; 1Cor 12,13; Rm 10,12; Col 3,11.

feminino". Aqui se tem a terceira dimensão: A abertura de fronteiras no encontro do masculino e do feminino.

O texto disse que "*não há homem e mulher*" (*ouk eni arsen kai thely*) *Arsen* significa "homem" no sentido de *macho, masculino*. Se usasse *aner* seria homem feito, por vezes, esposo. *Thelys* significa "mulher" no sentido de *fêmea, feminina*. Se usasse *ghyne* seria mulher feita, por vezes esposa (VANHOYE, 1985, p. 128-30).

Vê-se aqui, a audácia da fórmula batismal da Igreja primitiva e que Paulo absorveu. A frase foi contra a segunda narrativa do texto do Gênesis sobre a criação: "homem e mulher Deus os criou" (Gn 1,27c). Ao contrário, Paulo disse: "*não há macho (homem) e fêmea (mulher)*". Aqui vemos a que ponto Paulo estava convicto de que em Cristo é vinda à existência uma nova criação (Gl 6,15), verdadeiramente nova, isto é, diversa da primeira, e a que ponto estava convicto de que a fé e o batismo levaram os fiéis a fazerem parte desta nova criação.

Gálatas foi o único texto que mencionou a diferenciação sexual e isto em termos crus, "*macho-fêmea*" (Gn 1,27). O projeto de origem estava restabelecido: homem e mulher recuperaram a mesma dignidade, por sua inserção no Cristo Jesus. O estado de submissão da mulher, consequência do pecado (Gn 3,16) foi abolido em direito. Uma nova criação estava se operando (Gl 6,15).

Porém, se, de fato, o par de opostos surgiu em um ambiente feminino, deve-se olhar os vocábulos, também em nível sociológico. Se as mulheres tomaram consciência que a sociedade patriarcal promovia apenas os aspectos masculinos, se experienciavam que o androcentrismo era uma realidade, se elas se sentiam subestimadas existencialmente, e, por isso, esvaziadas, se percebiam que sua identidade fundamental de mulheres estava cancelada até então, se sentiam como caricatura dos homens, se se localizavam como marginalizadas pela unilateralidade masculina, portanto, se se viam oprimidas pelo mundo patriarcal, é claro que elas deveriam exigir no texto batismal palavras rudes como "*macho-fêmea*" e não, tranquilamente, apenas "*homem-mulher*". "*Macho-fêmea*" (*masculino-feminino*) , denunciava uma das assimetrias mais violentas em nível de relação e convivência humanas, descrevendo, cruamente, o que as mulheres experienciavam no cotidiano existencial.

Não se pode interpretar o par de opostos *macho-fêmea* em nível biológico. O apóstolo certamente sabia que o batismo (a nossa perícopes está num ambiente de liturgia batismal) não suprimia os sexos nem o impulso sexual e que os fiéis podiam ter relações sexuais no matrimônio ou fora dele. Sobre isto, ele tratou muito bem na 1Cor 7. Paulo, no espírito da Igreja

primitiva que elaborara e usava o fragmento batismal de Gl 3,26-28, provavelmente, estava num projeto em que se acreditava que uma nova era havia começado e era, exatamente, que a superação da divisão *macho-fêmea* estava acontecendo. Homens e mulheres, agora mais que *machos-fêmeas*, eram iguais em dignidade e responsabilidade perante o Senhor (FERREIRA, 2005, p. 116-117).

Uma questão que tem que ser colocada é: por que a problemática "homem-mulher" apareceu na liturgia batismal pré-paulina, e, imediatamente, foi assumida por Paulo?

Sempre em ambiente cristão, a oposição "judeu-grego" e o enfrentamento do conflito surgiu, provavelmente, segundo os estudiosos, em comunidades judaico-helenistas. A oposição "escravo-livre", também em ambiente cristão, surgiu no ambiente escravagista romano.

Quem estaria, nas primeiras comunidades, por trás da força deste par "*homem-mulher*"? Seguramente, não eram os homens (masculinos). Claro que os leitores de hoje gostariam de saber onde foram os locais em que comunidades mais vivas tinham maior presença feminina e onde se despontaram as maiores lideranças delas. Seria interessante se se soubessem quem foram as mulheres que conseguiram impor a afirmação *não há homem (macho) e mulher (fêmea)*. A maior possibilidade está em

compreender que por trás da declaração batismal, pelo menos a respeito das mulheres, estariam as líderes femininas que exerciam papéis de ponta nas igrejas domésticas e na missão do movimento cristão primitivo, ou melhor, do movimento missionário pré-paulino. Elas, as novas líderes cristãs, certamente, impuseram esta expressão (FERREIRA, 2005, p. 117). Aquelas mulheres e outras que antecederam a Paulo ou outras líderes que Paulo não conheceu, pelo seus trabalhos transformadores não iriam impor o par *homem-mulher* no hino batismal, ao lado de *judeu-grego, escravo-livre*? Parece evidente que foi uma conquista feminina.

2 Paulo, o companheiro entusiasta das mulheres

Num dos momentos mais significativos da Epístola aos Gálatas, onde a afetividade de Paulo se extravasa, com tanta ternura, ele disse assim: "Meus filhos, sofro novamente como dores de parto, até que Cristo esteja formado em vocês!" (Gl 4,19). Essa citação é parecida com outra aos coríntios: "Dei leite para vocês beberem, não alimento sólido, pois vocês não o podiam suportar" (1 Cor 3,2). Essas passagens são interessantes, para os leitores desavisados irem demitizando a idéia mal trabalhada e mal passada que tenta apresentar um Paulo misógino (= aquele que tem desprezo ou aversão por mulheres). O Paulo que assumiu à fórmula "*não há homem e mulher*" foi um companheiro das mulheres que aderiram ao movimento pró-Evangelho, como se vê agora.

2.1 A experiência feminina nos cristianismos originários

Não se tem informações, ao menos biblicamente, do lugar da mulher na vida das comunidades pré-Paulo, porém, tem-se no tempo da vida e do trabalho de Paulo. Na Epístola aos Romanos, nas recomendações finais, tem-se um interessante referencial.

Em Rm 16,1-2, ele se refere a *Febe*: "Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diaconisa da comunidade de

Cencréia [...] porque ela também ajudou a muitos, a mim inclusive". Em Rm 16,3-5, ele faz alusão a *Priscila* e seu marido. Era na sua casa que a comunidade se reunia: "Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram sua cabeça [...]". Rm 16,6 fala de *Maria*: "Saudai Maria, que muito fez por vós". Rm 16,7 lembra de *Júnia*, chamada, ela e seu marido, apóstolos, uma ousadia de Paulo: "Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo". Recorda-se em Rm 16,12, de *Trifena, Trifosa e Pérsida*, companheiras na tribulação: "Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram. Saudai a querida Pérsida, que muito se afadigou no Senhor". Em Rm 16,13, refere-se a u'a *mãe*: "Saudai a Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha". Rm 16,15 recorda-se de *Júlia*, a irmã de Nereu e *Olimpas*: "Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas, e todos os santos que estão com eles" (BAUMERT, 1999, p. 182-191).

Uma outra comunidade muito querida de Paulo foi a de Filipos. Alí, duas líderes, provavelmente, na luta pela construção da comunidade, tinham suas desavenças. Sobre elas, *Evódia* e *Síntique*, o companheiro Sízigo recebeu

palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, por ver nelas, líderes valorosas que "lutaram a meu lado pelo evangelho, com Clemente e os demais colaboradores meus cujos nomes estão no livro da vida" (Fl 4,2-3).

No Bilhete a Filêmon, um texto revolucionário na perspectiva social, o Apóstolo saúda, além de Filêmon e outros, "a nossa irmã *Ápia*" e a Igreja que se reúne em sua casa (Fm 1,2).

Vê-se que nestas recomendações, Paulo falou com toda naturalidade de mulheres que eram diaconisa, colaboradora em Jesus Cristo ou apóstola e irmã. Foram empatias, títulos e funções importantes na vida e na organização das comunidades! As comunidades e o próprio Paulo deviam muito a algumas delas. Muitas ajudaram e arriscaram a própria vida por causa de Jesus Cristo. Carinhosamente, ele se referiu a elas como irmã, mãe, ajudantes na luta pelo evangelho, companheira de prisão. Detalhe importante: em três casos, a comunidade se reunia na casa (*oikía*) de algumas delas. Era a Igreja Doméstica.

O cristianismo originário, no início, pelos anos 60 d.C, era atrelado ao judaísmo. O cristianismo apanhou sua força nas celebrações domésticas judaicas. Numerosas inscrições nas sinagogas da diáspora dão conta de mulheres que exerciam o papel de protagonistas na comunidade e que eram designadas com o título de "chefe da sinagoga" (*archisynagogê*)

(BROOTEN, 1982, todo texto). A experiência das liturgias domésticas teve uma longa história anterior no mundo judaico-israelita, onde as famílias celebravam as festas.

As celebrações nas casas (*oikía, oikói*) tiveram uma história muito bonita na história da casa judaica. A religiosidade doméstica dos judeus tinha sua energia na família, e compreendendo este panorama, aproximamo-nos do modo como as igrejas domésticas cristãs celebravam a vida. No mundo judaico dos tempos do Novo Testamento, a família era o lugar primário para a transmissão da fé. A família rezava, diariamente, em comum, de manhã e à noite, e especialmente, nas horas das refeições. Várias festas religiosas eram celebradas no lar: "*sukkot*", a festa das tendas nos jardins da casa; "*shavuot*", festa das semanas, com a decoração das casas com flores; também se celebravam as festas do "*Hanukkah*" e o "*Purim*". Porém, a festa mais importante na casa era a celebração da "Páscoa". Essa era o ponto alto do ano e, durante os tempos do Novo Testamento, ocorria nos lares.

Paulo tinha tido uma extensa experiência nas sinagogas da diáspora. Isso o tinha condicionado, possivelmente, a ver e a aceitar as lideranças das mulheres, tanto na administração como no ministério. Como as comunidades cristãs se reuniam nas casas do povo, eram chamadas de "Igrejas domésticas". Agora, nas igrejas

domésticas cristãs, sabendo das grandes dificuldades para a “mulher”, naquela cultura, principalmente, no que tangia à vida pública, estas reuniões domésticas, onde as mulheres podiam falar, à vontade, eram ousadas. Paulo incentivara esses encontros domésticos. Nos recintos sagrados oficiais elas não tinham voz e nem vez. Nas casas, tudo mudava de figura. A maior parte da vida dos seres humanos, em qualquer parte, transcorre na casa: procriação, amamentação, os primeiros passos do bebê, celebração do amor, o descanso, aprende-se a falar, brinca-se, sonha-se, convive-se.

Nas reuniões, as mulheres cristãs podiam falar sobre tudo. A sensação de libertação delas deve ter sido algo alvissareiro: em culturas e ambientes, principalmente, na vida pública onde elas eram impedidas de terem seus espaços, passavam a ocupar lideranças nas reuniões. Reuniões significativas que celebravam a Escritura, a vida do povo e o encontro com Deus. A casa era o espaço para a pregação da palavra, para o culto, para a participação na mesa eucarística e para as relações sociais.

O grande salto foi que Paulo incentivou as mulheres para que saíssem do ambiente doméstico e começassem a anunciar o Evangelho, também fora da casa.

No ambiente da Igreja primitiva, quando houve referências a Igrejas domésticas, Paulo apontou os nomes de várias mulheres: *Priscila* e *Áquila*

aparecem em Rm 16,5 e 1 Cor 16,19. Na casa de Filemon, aparecem a irmã *Ápia* e o companheiro *Arquipo* (Fm 1,1-2). Na casa de Filólogo e *Júlia*, *Nereu* e *sua irmã* e de *Olimpas* em Rm 16,15. Na casa de *Ninfa* em Laodicéia, que chegou a receber uma carta de Paulo (Cl 4,15). Na casa de *Lídia* em Filipos (At 16,15). Nas Igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para exercerem as funções de coordenadoras nas comunidades.

O fato é que Paulo, conhecendo a experiência das igrejas domésticas com significativas presenças femininas e, também, vendo nas sinagogas distantes da diáspora lideranças femininas à frente de pequenas comunidades, e, conhecendo o texto que era celebrado nas liturgias batismais, não teve dúvida: este texto (Gl 3,26-28), contemplando também as mulheres, passou a ser a mola propulsora de toda a epístola aos gálatas. Um texto surgido da base viria a ser a perícopes fundamental de toda a Epístola aos Gálatas.

2.2 A visão revolucionária de Paulo sobre a vida matrimonial (1 Cor 7,1-40): mulheres e homens são iguais

Os cristãos de Corinto mandaram uma carta a Paulo, pedindo que os orientasse com relação aos diversos problemas dentro do matrimônio. Então, Paulo aplicou o texto sobre a igualdade que ele enviara aos gálatas, que dizia que “*não há* (diferença entre) *o homem*

e a mulher” (Gl 3,28c) (FERREIRA, 2013 p. 99-107). Aqui, ele deu orientações práticas de como se devia agir em relação à sexualidade (SHOTTROFF, 1995, p. 103) e outras questões intramatrimoniais.

É preciso lembrar: eram tempos do patriarcalismo.

Como Corinto era uma cidade com tendências rigoristas, machistas e laxistas, Paulo deu uma orientação acima de qualquer tendência mostrando a vocação cristã do matrimônio (1 Cor 7,1-6). Ele apresentou a igualdade e a reciprocidade dos direitos e deveres conjugais do homem e da mulher. O corpo era a oportunidade do encontro dos cônjuges cristãos (FABRIS; GOZZINI, 1986, p. 124-6).

Em seguida, ele apresentou algo revolucionário para a época: existia uma igualdade de posição entre marido e esposa (1 Cor 7,7-16). Ele foi mostrando a estabilidade do vínculo matrimonial. Havia uma interessante reciprocidade de suas declarações sobre os direitos e responsabilidades do homem e da mulher (BYRNE, 1993, p. 45). Os tabus religioso e racial que proibiam aos judeus o casamento misto, aqui, para os coríntios, um povo eclético, esses tabus foram superados. Em todos os aspectos, o matrimônio devia levar à paz.

O Apóstolo chamou a igreja de Corinto, dentro da perspectiva cristã do matrimônio a uma transformação: era a mentalidade da “partilha” (1 Cor 7,17-
Paralellus, Recife, v. 6, n. 12, p. 105-118, jan./jun. 2015.

20), principalmente, sabendo que Corinto abrigava gente de todas as condições sociais. A estima egocêntrica deveria dar lugar a uma vida compartilhada. O matrimônio não estava desligado da vida da sociedade. Corinto era a cópia de Roma. O modo de produção escravagista era rigoroso naquela grande cidade portuária. Por isso, que, embora estivesse falando do matrimônio, Paulo orientou, também, num outro segmento, que ninguém se tornasse escravo dos homens (1 Cor 7,21-23).

O que valia era a fidelidade a Deus (1 Cor 7,17-24). Ele mostrou, a seguir, que o matrimônio é um modo viver a liberdade (1 Cor 7, 24-31). Era preciso compreender que casar-se não era um absoluto, mas um modo de viver a própria liberdade de se amar no Senhor (BYRNE, 1993, p. 130-1).

Como escreveram a Paulo sobre o celibato e a virgindade (7,32-35), Paulo mostrou que o importante era a relação vital com o Senhor Ressuscitado. Os casados faziam parte de uma comunidade de amor. Mulheres e homens eram iguais. Eram várias as problemáticas enviadas pelos coríntios ao Apóstolo. Ele foi reafirmando a legalidade do matrimônio para os cristãos (1 Cor 7,36-38). Outro grande avanço de Paulo foi que ele mostrou que a mulher tinha direito de escolha (1 Cor 7,39-40) (BARRETT, 1968, p. 186). Ele respeitava a liberdade da mulher, sugerindo-lhe os critérios de avaliação

numa perspectiva de fé cristã. Lembrando os condicionamentos históricos e culturais que, às vezes, deixavam o solteiro Paulo transparecer alguma expressão machista (1 Cor 7,39-40), no fundo, entretanto, ele destacava sempre a novidade cristã, onde a igualdade e a reciprocidade dos direitos e dos deveres da mulher e do homem, com relação ao estado matrimonial, eram vitais. A mulher não era mais subordinada, por isso, não precisava ter medo da escravidão, porque também ela tinha direito de escolha (FABRIS; GOZZINI, 1986, p. 133-134).

2.3 Os Códigos Domésticos: reação contra a igreja comprometida com as mulheres e escravos

Enquanto Paulo estava vivo, como se viu nas Epístolas aos Romanos, 1 Coríntios, Filipenses e Filêmon a pastoral dos cristianismos originários contava e envolvia as mulheres. Paulo tinha empatia com as mulheres. Elas eram missionárias de ponta nas igrejas domésticas³.

Mais tarde, houve uma reação eclesiástica contra as Igrejas domésticas e contra o entusiasmo de Gl 3,28. Discípulos paulinos, certamente homens (masculinos), reagiram aos avanços do Apóstolo. Nesta reação apareceram o "código doméstico de Colossenses"

(corresponde a Col 3,18-4,1: o primeiro código do Novo Testamento) e "o código doméstico de Efésios" (Ef 5,21-6,9) que vieram a se desenvolver no ensino cristão para contraporem-se aos projetos entusiásticos de Gl 3,28 (FOULKES, 1995, p. 127-9).

Estes códigos retomaram as instruções dos filósofos gregos sobre as relações assimétricas que deviam reger dentro daquela unidade de convivência e de produção chamada "casa" (=oikos-oikia). Na "casa" eram citados três pares de atores sociais ligados por uma relação de superior a inferior: esposo/esposa, amos/escravos, pais/filhos. Os autores das cartas às Igrejas de Colossos e Éfeso adaptaram estes códigos morais à comunidade cristã e insistiram em seu cumprimento.

É preciso lembrar que os "códigos domésticos" de Efésios e Colossenses, bem como, as duas epístolas a Timóteo e Tito foram frutos de um rumo patriarcal que foi desenvolvido pela "escola paulina", após sua morte, ou seja, o projeto de Paulo sobre a liberdade, foi modificado, reacionariamente. O interesse dos códigos domésticos tinha uma direção certa: eram as mulheres e os escravos, que com sua emancipação, ao menos em nível eclesial, ameaçavam a estabilidade das igrejas paulinas. Eles representaram a retomada ou reafirmação das relações patriarcais da casa. Consequentemente, patriarcalizaram a igreja cristã. Expressões como "submeter-se" e

³ As Epístolas de Paulo: somente 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filêmon e Romanos. As outras, embora tenham o nome de Paulo, no início, foram elaboradas após sua morte.

“submissão” apareceram nos códigos domésticos, especialmente, para expressar a submissão ao bispo, estabelecer a ordem hierárquica entre bispo, diáconos e presbíteros. A autocompreensão da comunidade cristã, como comunidade de “irmandade”, deu lugar ao modelo de comunidade estruturada e compreendida segundo a ordem social da casa patriarcal. A afirmação da igualdade passou a ser substituída pela afirmação da obediência e da submissão (FERREIRA, 2005, p. 121).

2.4 Um texto misógino acrescentado após a morte de Paulo (1 Cor 14,33b-35)

Elementos da escola paulina, após a morte de Paulo, mexeram, também, em textos escritos pelo próprio Apóstolo. A referência mais forte se encontra na Primeira Epístola aos Coríntios. Paulo vinha falando no capítulo 14 sobre o exercício de um dom para edificar a comunidade, sobre o discernimento comunitário e a maturidade da igreja. De repente, apareceram dois versículos e meio que violaram todo o pensamento do Apóstolo. Eis aí:

^{33b} Como acontece em todas as Igrejas dos santos, ³⁴ estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. ³⁵ Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que uma mulher fale nas assembleias.

Estes versículos fizeram parte de uma interpolação que cristãos conservadores e da linha patriarcalista colocaram, neste lugar, como se fossem de Paulo, após sua morte. O texto, como está aqui, é misógino: totalmente, contra o feitiço de Paulo (HORSLEY, 1998, p. 188-9). Houve um apelo à lei, que fugia ao seu projeto e, ao mesmo tempo, estes versículos foram contra 1 Cor 11,5, onde foi dito que as mulheres oravam e profetizavam. Foram contra, também, a 1 Cor 7, como vimos antes, que mostrou o encontro homem/mulher numa vida matrimonial. Foram contra Gl 3,28c, onde, no Hino Batismal ele assumiu que, a partir de Cristo, “não há mais diferença entre homem e mulher”. Violaram toda a trajetória de Paulo que acreditou e trabalhou com as mulheres, na pastoral itinerante (JORUN, 2005, todo o texto).

Keila Matos trabalhou, arduamente, essa perícopes interpolada. Primeiro, ela mostrou que a ideologia do sistema social do Império Romano privilegiava a classe dominante política e economicamente, pois assim ela retribuía a tais privilégios subjugando as demais classes através da *pax romana*. Tal sistema social refletia também na casa romana, em que o sistema familiar era centralizado na figura do pai (*pater familias*), que tinha como posse legal não somente o lugar, mas também todos os seus membros (esposa, filhos, empregados). Depois, ela avançou, dizendo, que isso pôde ser notado nos deveres domésticos de Efésios,

Colossenses, 1Timóteo, Tito e 1Pedro, fortes mantenedores da ideologia patriarcal e escravagista, pois reforçavam a autoridade dos maridos, pais e senhores tanto no mundo greco-romano quanto no judaísmo helenístico do I século.

Por fim, Matos foi compreendendo, a partir de um levantamento contextual, que havia diferentes conteúdos ideológicos sobre o tema silêncio e ministério de mulheres no *corpus paulinum*, apresentando polêmicas e contradições em relação a esse assunto (MATOS, 2011, p. 91). Ela mostrou que no discurso das cartas autênticas houve a presença de uma ideologia cristocêntrica, igualitária, ao passo que nas deuteropaulinas e pastorais houve uma ideologia patriarcal, assimétrica. Paulo era defensor de uma cristologia libertadora e igualitária, que superava fronteiras étnicas, sociais e de gênero como percebemos em várias passagens, entre elas, Gl 3,28 (MATOS, 2011, p. 91).

Através de um discurso social, conceitos institucionais foram se transformando em pensamentos pessoais. Então, conforme Matos, as cartas deuteropaulinas e pastorais foram abandonando o discurso igualitário cristocêntrico de Paulo e aderindo cada vez mais ao discurso patriarcal romano de desigualdade, que requeria o silêncio da mulher tanto nas esferas pública e privada. Ela concluiu que, considerando que em diversas passagens o apóstolo

sempre assumiu uma postura igualitária às mulheres no anúncio do Evangelho, nem exegeticamente, nem discursivamente, nem eclesiologicamente, o apóstolo foi contrário ao exercício ministerial feminino (MATOS, 2011, p. 92).

3 Conclusão

O apelo para que todos abandonassem seus privilégios era um fato. Qualquer privilégio religioso, cultural e social estava fora da declaração batismal de Gl 3,28.

Para as *mulheres* bem como para os *escravos* e os *gentios* a busca da igualdade cristã, com todas as suas implicações sócio-jurídicas e culturais, além de ser uma atração existencial, dava possibilidades que elas nunca viram em nível da sociedade greco-romana. O movimento missionário cristão das igrejas primitivas contou, certamente, com uma legião significativa de líderes fora dos parâmetros tradicionais.

A força da presença da *mulher* nas primeiras comunidades, juntamente aos *escravos* (seguramente, *escravos gentios*), enriqueceu a declaração batismal de Gl 3,28, exatamente porque aquelas cristãs e cristãos excluídos das forças de decisões e condução da história, compreendiam-se verdadeiramente libertados por Cristo.

O Apóstolo foi o proclamador da liberdade em Cristo. As mulheres cristãs compreenderam. Elas foram suas amigas e companheiras de trabalho. Então, as *mulheres* cristãs, fossem as líderes ou não, sendo *escravas* ou não (se bem que muitas não-*escravas* estavam sob o jugo *escravagista* também), ao entenderem o apelo do

Evangelho no primeiro século, ao recitar a declaração batismal de Gl 3,28, compreendiam-se sujeitas na igreja com possibilidades de se moverem, em nível transformador nas inter-relações sociais e nas estruturas das comunidades às quais pertenciam. Basta lembrarmos o caso de *Priscila* em Rm 16,3 que arriscou, com seu marido, a própria cabeça; *Júnia*, a companheira de prisão em Rm 16,7 e as três, *Pérsida*, *Trifosa* e *Trifena* que se afatigaram no Senhor.

Paulo foi o companheiro entusiasta das *mulheres*. O que aconteceu com os “códigos domésticos” e com a surdez secular em torno do ser e do fazer das mulheres, não foi o que conhecemos do Paulo das epístolas aos Gálatas, 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Filêmon e Filipenses. Há uma trajetória a partir de Gl 3,28. O militante da fé, Paulo, se mostrou alegre com o companheirismo de mulheres que lutavam arduamente dentro do mesmo movimento.

O texto fundamental (Gl 3,28) foi uma passagem que privilegiou a *mulher*. Foi o ponto focal e centro organizador da teologia de Paulo no seu ensino sobre ela. Aqui falou de igualdade de privilégios entre *homem* e *mulher*, uma declaração universal para todos os tempos.

A inclusão da *mulher*, no hino que Paulo pegou da liturgia batismal de

comunidades anteriores, trouxe consequências vitais para as mulheres e, mais ainda, para as *mulheres escravas* ou pobres do primeiro século. *Mulheres e homens*, como *escravos e livres, judeus e gentios* estavam num plano de iguais com os mesmos direitos e obrigações.

Após a morte de Paulo, as mulheres - os escravos também - foram, de novo, marginalizadas.

Paulo havia rompido e quebrado os obstáculos que reprimiam as mulheres. Assumiu a proposta de que o par *homem-mulher* fosse uma realidade e de que ambos estavam no mesmo nível. Abriram-se as fronteiras. Ele levou

avante o ritmo da desmasculinização nas comunidades. As saudações de ternura a tantas mulheres e homens nas epístolas aos Romanos (Rm 16,1-15), aos Filipenses (Fl 4,2-3), e a Filêmon (1,1-2) missivas posteriores a Gálatas, mostraram que ele pôs em prática esta visão igualitária. Ao contemplar, nas saudações, a presença feminina, estava Paulo revelando a concretização da abertura de fronteiras. Aquelas mulheres que conviveram, celebraram a vida e se envolveram na missão, experimentaram, com Paulo, a experiência de comunidades vivas com outros e outras missionárias. Elas foram, também, apoio vivo no anúncio de Jesus Cristo.

Referências

BARRET, C. R. **The First Epistle to the Corinthians**. New York: Harper & Row, Publishers, 1968.

BAUMERT, Norbert. **Mulher e Homem em Paulo**. Trad. de Haroldo e Ivoni Reimer. S. Paulo: Loyola, 1999.

BETZ, Hans-Dieter. **Galatians**. A commentary on Paul's Letter to the Churches in Galatia. Philadelphia: Fortress Press, 1988. (Hermeneia).

BROOTEN, B. J. **Women Leaders in the Synagogue**. Chico, CA: Scholars Press, 1982.

BYRNE, Brendan. **Paulo e a Mulher Cristã**. São Paulo, 1993.

FABRIS, Rinaldo; GOZZINI, Vilma. **A Mulher na Igreja Primitiva**. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

FERREIRA, Joel Antônio. **Gálatas a Epístola da Abertura de Fronteiras**.

S. Paulo: Loyola, 2005. (Comentário Bíblico Latino Americano).

_____. **Primeira Epístola aos Coríntios**. S. Paulo: Fonte Editorial, 2013. (Comentário Bíblico Latino Americano).

FOULKES, Irene. Paulo um Militante Misógino? Teoria de Gênero e Releitura Bíblica. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 119-130.

HORSLEY, Richard A. **1 Corinthians**. Nashville: Abington Press, 1998. (Abington New Testament Commentaries).

JORUNN, Okland. **Women in their Place: Paul and the Corinthians Discourse of Gender and Sanctuary Space**. London: T&T Clark Intl, 2005.

MARTYN, William M. **Galatians**. New York: Doubleday, 1988. (The Anchor Bible).

MATOS, Keila. **Vozes silenciadas**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás; Kelps, 2011.

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**: Exegese numa Perspectiva Feminista. S. Paulo: Paulinas, 1995.

VANHOYE, A. **La Lettera ai Galati** (2ª parte). Roma: PIB, 1985.

Recebido em 18/04/2015.
Aceito para publicação em 30/06/2015.